

A FÉ COMO SAÍDA DO DESESPERO: ENTRE A DOENÇA PARA A MORTE E OS LÍRIOS DO CAMPO E AS AVES DO CÉU DE KIERKEGAARD

Carmélia Teixeira de Sousa
carmelia.jprn@hotmail.com
Mestranda em filosofia, UFRN
Júlio César da Silva Dantas
julio.dantas@professor.gov.pb.br
Professor de Física, SEECT-PB

RESUMO

As linhas seguintes buscam, humildemente, compreender questões relacionadas a importantes conceitos filosóficos trabalhados por Kierkegaard: si-mesmo, desespero e fé. Desde os primórdios das investigações filosóficas, circunda uma pergunta fundamental na filosofia, principalmente, na filosofia da existência: “o que é o homem?”. Preocupando-se com a existência autêntica do indivíduo (*den enkelte*), este estudo aborda, de forma antropológica, a definição de si-mesmo encontrada em Kierkegaard, em consonância, a possibilidade do desespero humano e a necessidade da fé. O estudo tem por metodologia a análise hermenêutica das obras *A doença para a morte* e *Os lírios do campo e as aves do céu*, ambas escritas por Kierkegaard, sendo uma pseudonímica e a outra verônica. Tem-se por ponto de partida a inovação que o filósofo dinamarquês traz para a contemporaneidade ao definir o eu (*Selv*) como síntese. O trabalho aqui proposto percorre um minucioso caminho: de início busca compreender a relação existente entre as obras aqui analisadas e o método de comunicação utilizado por Kierkegaard; em seguida, o conceito de si-mesmo e a forma como o desespero humano está atrelado existencialmente a esta definição. Por fim, faz-se necessário analisar o si-mesmo enquanto autorrelação e, depois do diagnóstico do desespero, visto como doença mortal, o apontamento para a cura. Apenas o nascimento não dá ao homem um eu autêntico, ser si-mesmo é dom e tarefa.

Palavras-chave: Comunicação indireta. Desespero. Kierkegaard. Si-mesmo.

FAITH AS EXIT OF DESPERATION: BETWEEN THE DISEASE FOR DEATH AND LILIES OF THE FIELD AND THE BIRDS OF THE SKY OF KIERKEGAARD

ABSTRACT

The following lines, humbly, seek to understand questions related to important philosophical concepts worked by Kierkegaard: self, despair and faith. Since the beginning of philosophical investigations, a fundamental question in philosophy, especially in the philosophy of existence, surrounds: “what is man?”. Concerning the

authentic existence of the individual (*Den Enkelte*), this study addresses, in an anthropological way, the definition of self found in Kierkegaard, accordingly to the possibility of human despair and the need for faith. The study has as methodology the hermeneutic analysis of the works *The disease for death* and *The lilies of the field and the birds of the sky*, both written by Kierkegaard, one being pseudonymic and the other veronica. It takes as its starting point the innovation that the Danish philosopher brings to contemporary times when defining the self (*Selv*) as a synthesis. The work proposed here follows a detailed path, initially seeking to understand the relationship between the works analyzed here and the method of communication used by Kierkegaard, then the concept of self and the way in which human despair is existentially linked to this definition. Finally, it is necessary to analyze the self as self-correlation and, after the diagnosis of despair, saw as a deadly disease, the appointment for a cure. Birth alone does not give man an authentic self, being himself is a gift and a task.

Key-words: Indirect communications. Despair. Kierkegaard. Self.

1 INTRODUÇÃO

Abrindo novas perspectivas para as discussões filosóficas já existentes e na busca de um sentido concreto e existencial do homem, Søren Aabye Kierkegaard dialoga com a tradição e os pensadores de seu tempo para assim efetuar sua linha de pensamento. Sua filosofia busca compreender o homem¹ a partir das determinações intermediárias e as tonalidades afetivas² às quais a existência concreta se relaciona – o homem, enquanto dotado de possibilidades, dificuldades e necessidade de escolha. Em vista disso, este trabalho objetiva refletir, através da antropologia kierkegaardiana, conceitos relacionados ao si-mesmo (*selv*) e ao fenômeno do desespero (doença mortal). Para alcançar este objetivo é necessário compreender o método de comunicação indireta³, a pseudonímia e a forma como o si-mesmo pode ser efetivado, assim como a importância da fé para, ao voltar-se para si mesmo, relacione-se com o Poder que funda a estrutura do eu.

A estratégia de compreensão adotada para a construção das análises aqui propostas é a leitura hermenêutica e fichamento das obras de Kierkegaard e

¹ Será utilizada a palavra homem como correspondente de Eu, si-mesmo, espírito e indivíduo particular.

² Para a concretização da síntese do si-mesmo, no processo ou movimento existencial do si-mesmo são imprescindíveis o instante, a angústia, o amor etc. O si-mesmo se edifica em sua existência. Nota-se que a tradição filosófica desconsiderou as determinações intermediárias ao explicar o conceito de homem e o tentou explicar *in abstracto*, entretanto, o eu é existência.

³ É um despertar existencial daquele que o lê. O método ou dialética da comunicação indireta com muita propriedade também foi designado por Kierkegaard como “*maieutica*” por tomar como modelo Sócrates.

renomados estudiosos, a ter como base bibliográfica, principalmente, as obras *A Doença para a Morte* (2008) e *Os Lírios do campo e as aves do céu* (2006).

Destaca-se a necessidade e relevância do tema mediante o critério de que um pensamento filosófico não se restringe a época a qual foi colocado e, com isso, é sempre atual. Kierkegaard é considerado um importante pensador no âmbito da fenomenologia e filosofia da existência, suas ideias tiveram grande contribuição para a época e serviram como influência para renomados filósofos da tradição, o que se pode observar na reinterpretação de conceitos kierkegaardianos em filósofos como: Karl Jaspers, Gadamer, Heidegger, Gabriel Marcel, entre outros. O filósofo dinamarquês não é um mero estudioso, intelectual, erudito, mas um filósofo que a partir de sua filosofia provoca uma modificação no modo de fazer filosofia e isto é reconhecido pela tradição filosófica.

A filosofia de Kierkegaard é dividida em obras pseudonímicas⁴ e obras assinadas. O método de escrita utilizado pelo filósofo, a comunicação indireta, se desenrola em uma estratégia de aproximação e distanciamento. Nas obras pseudonímicas, denominadas obras estéticas, o leitor se depara com o problema existencial e nas obras assinadas, os discursos edificantes, com o apontamento para a cura.

Kierkegaard inova com a definição de homem até então afirmada pela tradição: o eu (*Se/iv*) deixa de ser abordado como um dualismo corpo e alma, e passa a ser compreendido como uma síntese que se relaciona consigo mesma, enquanto posta por Outro. O indivíduo só é autêntico e singular ao se sintetizar, escolher sua escolha mais própria, tudo o que desviar-se disso é desespero.

Diante disso, partindo da hipótese que indivíduo necessita do movimento e esforço para efetivar seu si-mesmo, buscar-se-á, neste trabalho, compreender o si-mesmo, a desarmonia da síntese na edificação do si-mesmo – desespero – e, por fim, a saída do desespero.

2 ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

2.1 Comunicação indireta e pseudonímia de Kierkegaard

⁴ A produção pseudonímica – também considerada como obras estéticas – visa o exercício filosófico do despertar ou “reconhecer” a verdade provocando nisto uma tonalidade afetiva propícia para uma decisão. Aqui aparece a dialética da comunicação indireta na qual o leitor conquista uma disposição para acolher o *Discurso Edificante* ou *Cristão*, a obra assinada por Kierkegaard, sem pseudônimo.

Dentre tantos fatores que fazem do pensamento de um filósofo algo substancialmente interessante e filosoficamente discutível, as particularidades de Kierkegaard se dão desde sua forma de comunicação, o toque com seu leitor. A estratégia de escrita pelo dinamarquês desenvolvida e executada é a comunicação indireta, que atrai o leitor para o problema existencial e, sem impor uma verdade maior, deixa em aberto a possibilidade de um despertar existencial, o que, nas palavras de Protásio (2015), quer dizer:

[...] sua estratégia de comunicação indireta não é a comunicação de um saber, mas a comunicação de uma possibilidade. Tal comunicação depende de uma relação não abstrata e geral, mas de uma relação estabelecida concretamente, ou seja, experimentada, em que se instaure o mesmo *pathos* [...] Nesta intimidade, nesta relação estabelecida com o leitor, abre-se a possibilidade da lembrança do que significa, efetivamente, ser humano e, principalmente, a possibilidade de que uma pessoa venha a se tornar uma subjetividade humana, um indivíduo singular [...] (PROTASIO, 2015, p. 256).

Kierkegaard descreve o problema estético com o intuito de comunicar uma possibilidade existencial, ou seja, dentro da concretude da existência, ficar frente a frente com os problemas que dela fazem parte e que o indivíduo é acometido. Sendo assim, aquele que se dispõe a lê-lo está suscetível a encontrar em cada parágrafo, cada linha a qual se encarrega de refletir seja qual for a questão abordada, algo que condiz com sua própria existência. É a partir daí que se desenrola a comunicação indireta, é no tratar o homem a partir das determinações intermediárias que fazem com que este se perceba em sua singularidade, dito de outra forma:

[...] a comunicação indireta, entendida como estilo mais apropriado para resguardar um espaço para os problemas do existir ao se constituir como um saber que se interpõe entre o pensamento e o ser, um *inter-esse* entre o comunicador e o leitor, onde estará sempre em questão a vida daquele que existe e que, naquele momento, *experimenta* o texto [...] (PROTASIO, 2015, p. 255, grifo do autor).

Esse saber que se coloca entre o pensamento e o ser constitui a realidade concreta, sem abstração, a existência propriamente dita. O *inter-esse* aqui mencionado não se trata de uma vontade de conhecimento de algo exterior, ao contrário disso, desenrola-se por meio da subjetividade do indivíduo, sua singularização.

As nuances do método de comunicação estão postas em meio a dois tipos de produção: obras assinadas e obras pseudonímicas, mais precisamente, discursos edificantes e obras de cunho estético. Nas obras pseudonímicas, o autor da obra é aquele pseudônimo que a assina, visto que cada autor pseudonímico carrega um estilo próprio de pensamento e escrita. Não são colocados no corpo das obras pseudonímicas, necessariamente, as posições defendidas por Kierkegaard. Somado a isso, diante de uma análise estrutural, nota-se uma autoconstrução realizada pelo filósofo dinamarquês, uma obra duplamente refletida. Por meio desse recurso, o filósofo pressupõe um distanciamento da obra. A pseudonímia transporta Kierkegaard da posição de escritor para a de leitor de seu escrito, é uma relação autorrefletida. Por não impor um conhecimento, um sistema, acaba por potencializar uma relação construtiva de compreensão, dando uma certa emancipação na construção do pensamento e interiorização em seu leitor, marcando a aproximação para com o escrito. Kierkegaard aborda a questão referente aos pseudônimos da seguinte forma:

Eu sou, com efeito, impessoalmente ou pessoalmente na terceira pessoa, um *souffleur* [fr.: assoprador, ponto de teatro] que produziu poeticamente *autores*, cujos prefácios, por sua vez, são produções deles, sim, como o são até seus *nomes*. Não há, portanto, nos livros pseudonímicos uma única palavra que seja minha; não tenho nenhuma opinião sobre eles a não ser como um terceiro, nenhum saber sobre o seu significado a não ser como leitor, nem a mais remota relação particular com eles, já que esta é impossível de ter com uma comunicação duplamente refletida. Uma única palavra enunciada pessoalmente por mim, em meu próprio nome, seria um importuno auto-olvido que, visto dialeticamente, seria culpado de ter, com esta única palavra, aniquilado essencialmente os pseudônimos (KIERKEGAARD, 2016, p. 341, grifos do autor).

A ênfase dada nas palavras supracitadas confirma o que vem sendo dito: os verdadeiros autores das obras pseudonímicas de Kierkegaard são os pseudônimos e, através deles, pode-se perceber uma subjetividade auto reflexiva.

Na correlação entre escritor e leitor, evidencia-se também a relação entre Kierkegaard e os autores pseudônimos que assinam as obras. Os escritos pertencem ao filósofo, porém, mostram-se através de seus pseudônimos. Os pseudônimos são utilizados como ferramentas para expressar distintos modos de vida e diagnosticar os problemas aos quais o indivíduo enfrenta na realidade concreta. Compreende-se que suas obras, mesmo as estéticas, tinham como intuito retirar o homem da ilusão da

crisandade, mais precisamente: “[...] toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema de tornar-se cristão, com intenções polémicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a crisandade [...]” (KIERKEGAARD, 2002, p. 22), vê-se a crítica à inautenticidade do homem frente a ideia ilusória de que nascer cristão e ser cristão é a mesma coisa. O mesmo se dá com relação a autenticidade do homem, nascer humano e ser si-mesmo são coisas diferentes.

Como um Sócrates do século XIX, tocado pelas tonalidades afetivas, Kierkegaard mostra sua filosofia e tenta despertar o homem para a subjetividade, um existente na realidade concreta. A obra base para o estudo aqui proposto discorre sobre o desespero humano – verdadeira doença mortal – problema existencial que atinge, sempre enquanto possibilidade e, por vezes, realidade, todo indivíduo que possui um si-mesmo (*se/v*).

2.1.1 Si-mesmo: síntese e autorrelação ou desespero

Desde a tradição, o homem é considerado como um dualismo corpo e alma, entretanto, Kierkegaard surge com a ideia de que o homem é uma síntese constituída de corpo, alma e espírito, não um dualismo, mas uma relação que se relaciona consigo mesma e se dá por meio do esforço de concretizar a possibilidade mais própria, onde a singularização faz com que o indivíduo se relacione também com o Poder que pôs toda a relação em equilíbrio, assim dito:

O homem é espírito. Mas, o que é espírito? O espírito é o eu. Porém o que é o eu? O eu é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou dito de outra maneira: é o que na relação faz com que esta se relacione consigo mesma. O eu não é a relação, mas o que faz com que a relação se relacione consigo mesma. O homem é uma síntese de infinitude e finitude, do temporal e o eterno, de liberdade e necessidade, em uma palavra: é uma síntese. E uma síntese é a relação entre dois termos. O homem, considerado dessa maneira, não é ainda um eu. (KIERKEGAARD, 2008, p. 33, tradução nossa).

Observa-se assim que, em contraposição à tradição, Kierkegaard inova na perspectiva de demonstrar o homem sendo sim corpo, alma, espírito, mas, esta ideia de ser nos afigura algo em construção, não é algo preestabelecido, é uma *síntese a ser feita*.

É significativo e filosoficamente fundamental sentir ou perceber o paradoxo na ideia de que todo ser humano possui um si-mesmo, mas no sentido de ter de vir a ser

si-mesmo. Sendo necessário dar primazia a este vir-a-ser de si-mesmo para que possa efetivá-lo, então, de certo modo cada ser humano possui e não possui o si-mesmo. Isso se deve a constituição ou estruturação do si-mesmo. É esclarecedor a explicação de Silva, que nos conduz para dentro do paradoxo sem visualizar uma contradição:

O homem, todo e qualquer homem, precisa conquistar e apropriar-se de um modo de ser possível de existência (ou estético, ou ético, ou religioso) não tendo ainda desde sempre sua singularização, quer dizer, não é um *den Enkelte* (Indivíduo Singular), mas apenas um mero *Individ* (indivíduo), indivíduo como qualquer outro, sem singularização, um número, mais *um*, massa. O *Individ*, o homem sem *Selv*, vive ainda na não-verdade, no modo de existência estético e pode saltar, se desejar, para um outro modo de existência. Isso implica que o homem não tem um si-mesmo enquanto *Selv* ou *den Enkelte*, mas possui um “si mesmo” enquanto *Individ*, Só quando o homem conquista sua autenticidade, sua sintetização ou singularização, é que possui subjetividade ou interioridade, quer dizer, um *Selv* (si-mesmo) enquanto e como *den Enkelte* (Indivíduo Singular) (SILVA, 2018, p. 26, grifos do autor)

Os modos possíveis de existência apontam para a consciência que o homem tem de possuir um eu e, com isso, efetivá-lo ou não. Atenua-se para a necessidade de apropriar-se de si-mesmo. Em contraste do indivíduo e o Indivíduo Singular, o primeiro define-se na inautenticidade, disperso, não particular, enquanto o Indivíduo Singular, o que efetiva seu si-mesmo, acolhe seu eu autêntico e se constitui como síntese, é existente, existente autêntico, dessa forma:

O indivíduo, encarando sua existência, tem como tarefa a unificação do corpo e da alma mediada pelo espírito. Esse espírito é o “eu?” - necessariamente interrogativo. O homem é espírito e é self que se orienta para a interioridade. Este quer unificar-se quando se percebe como síntese. Por isso que neste momento como síntese de opostos, o self pode entrar em desequilíbrio, tendendo ao temporal, ao finito, ao necessário ou tendendo ao eterno ao infinito, e possível (TEIXEIRA, 2017, p. 63)

Porquanto, é uma relação que se orienta para a sua própria interioridade. Por ser composto de fatores distintos – necessidade e possibilidade, infinitude e finitude – a síntese pode falhar na medida em que se dê preponderância para uma de suas extremidades. Ao perceber-se enquanto síntese, é no existir que o eu é edificado, dito com mais firmeza: “O self não é centrado apenas em si, no sentido solipsista, mas self

é autorrelação, e nesta autorrelação o outro e o mundo estão implicados [...]” (TEIXEIRA, 2017, p. 67). Frente a isso, cabe salientar que continuamente se faz o mesmo processo de ir de encontro a autenticidade.

A existência de um indivíduo que é si-mesmo não está pautada em uma abstração, antes disso, o homem efetiva-se no seu relacionar-se com o mundo e todas as implicações que o rodeiam, mas, antes de tudo, o que o define é o relacionar-se consigo mesmo. Em *As Obras do Amor*, de 1847, dois anos antes da publicação de *A Doença para a Morte*, antecipando Levinas e a questão da alteridade, Kierkegaard desenvolve o imperativo de que “tu deves amar o teu próximo”. Isso demonstra que a ideia do si-mesmo não é solipsista, mas é relacional por ser autorrelacional, quer dizer, justo para o indivíduo se singularizar é capaz de abrir-se para o *dever* de amar o próximo.

Só se pode desesperar aquele que possui um eu, dessa forma: “O desespero é comum ao espírito, como a dor é comum ao corpo, e a vertigem a alma. A síntese do ‘eu’ não é discordância, mas é a possibilidade de sê-la. Se o homem não fosse síntese, não teria desespero, e não poderia ter um self” (TEIXEIRA, 2017, p. 61). Se o homem tivesse o poder de estabelecer inicialmente seu próprio eu, não haveria desespero já que ele poderia ser quem quisesse, poderia moldar quem se é. Entretanto, o homem se desespera, falha na síntese. Se desespera por não querer ser si-mesmo, por querer ser si-mesmo e por não perceber que tem um si-mesmo.

Ao relacionar-se consigo mesmo, ao realizar a síntese, o ser homem, faz com que o indivíduo se relacione com o poder que o criou, “O processo de tornar-se um *self*, no entendimento de Kierkegaard, acontece na relação com Deus. Isso não significa negar a própria responsabilidade ou isentar-se dela [...]” (ROOS, 2008, p. 76). A síntese em si nos põe frente a possibilidade de desesperar. O Poder criador dá a possibilidade de cotidianamente tornar-se o que se foi criado para ser, porém, isso também significa estar propenso a não o realizar, ser si-mesmo é privilégio e dever.

Ao conhecer a forma como o si-mesmo é estruturado, é de bom grado afirmar que não é possível que exista alguém que, mesmo na mais remota chance, seja isento do desespero. O homem, em virtude de sua constituição, está sempre frente à possibilidade de desesperar-se, dessa forma: “[...] não há existência completamente livre do desespero. Embora haja diferentes níveis e gradações de desespero, de algum modo todas as pessoas estão em desespero, trata-se de um fenômeno universal” (ROOS, 2008, p. 70). Ao passo que se desespera de algo, desespera-se

antes de qualquer coisa de si-mesmo. Algum enfermo poderá afirmar que não possui nenhuma doença e mesmo assim a possuir. Dessa forma, afirmar que não se está desesperado, não o livra de estar. O desespero não é algo que deva se concretizar no indivíduo, entretanto, é a possibilidade de desesperar-se que o caracteriza como homem. Ele não é a relação, mas está presente nela enquanto possibilidade, como afirma Le Blanc:

[...] o desespero é inerente à relação do eu consigo mesmo e à possibilidade dessa relação. Para apreender bem a ideia do desespero deve-se levar em conta a teoria kierkegaardiana do eu, do aspecto duplo deste último, união de infinito e finito e união da relação consigo que o constitui (LE BLANC, 2003, p. 84)

Não é a racionalidade apenas que nos põe em um patamar mais alto do que os animais, mas sim a possibilidade de desespero, pois só se pode desesperar aquele que pode possuir um si-mesmo, precisamente por ter o espírito. Só existe a possibilidade do desespero no homem porque ele é determinado pelo espírito! Faz-se frente a isso uma ligação crítica à ideia de possibilidade e realidade, correspondendo aos conceitos de potência e ato, de Aristóteles. Nesse caso, para a tradição, a possibilidade é inferior ao ato, o que não ocorre com o desespero. Na tradição ser algo, efetivamente, é maior que poder sê-lo enquanto possibilidade. Entretanto para Anti-Climacus/Kierkegaard poder desesperar-se é maior que desesperar-se. A possibilidade de desespero afigura a existência do eu, já o desesperar-se significa perder esse eu, adoecer. A possibilidade de desesperar-se é uma vantagem, não se desesperar é a realidade, isto é, é o objetivo para qual o indivíduo é criado. Desesperar-se, enquanto fracasso da síntese, é estar mortalmente doente, ou seja,

A morte física não é o fim, ela representaria mais esperança que qualquer vida poderia agregar. A morte do corpo não é uma doença mortal. Nenhuma afetação em vida pode sê-la como o desespero o é. Ele é doença para a morte porque consiste na morte do eu, e é morrer, sem, contudo, poder morrer. Ao morrer tudo termina, mas ao morrer pela doença mortal, vive-se a morte. Viver tal morte um instante é a possibilidade de vivê-la por toda eternidade. A morte natural é apenas saída da vida. A doença mortal é entrada da morte estando em vida. Quem desespera não consegue morrer, morre continuamente e esta é sua vida. Querendo destruir-se sucumbe na impotência e desespera mais uma vez (TEIXEIRA, 2017, p. 60).

O desespero se caracteriza pela total falta de esperança. Não se espera mais nada. É a doença do espírito, é a falta do espírito, do eu, da autenticidade. É como se o indivíduo fosse se fechando a ponto de não conseguir por suas próprias forças conectar-se consigo mesmo e, com isso, se afasta também do Poder que o criou. Ninguém está isento de possuir desespero, visto que a possibilidade de desesperar está lado a lado com a efetivação do si-mesmo. Possuir um si-mesmo lhe dá a possibilidade de concretizar o eu ou desesperar.

2.1.1.1 A doença mortal é o desespero – apontamentos para a cura

Toda doença traz junto com seu diagnóstico a possibilidade de cura. Mais do que a morte biológica, o desespero é a verdadeira doença mortal, é estar mortalmente doente, vivendo a morte sem, porém, poder morrer. No que foi desenvolvido até aqui, ao conceber a definição de si-mesmo, sendo síntese, com a falha da síntese, o desespero é diagnosticado, cabe agora debruçar-se sobre a cura, a forma como o discurso edificante *Os lírios do campo e as aves do céu* relaciona-se com *A Doença para a Morte* e demonstra a necessidade de *silêncio, obediência e alegria*, apontando para os lírios e os pássaros como mestres para ensinar a ser si-mesmo.

Observa-se também que as obras *Os lírios do campo e as aves do céu* e *A Doença para a Morte* são produzidas no mesmo ano, 1849, com uma diferença de três dias da publicação de uma para a outra. *A Doença para a Morte* é uma obra pseudinímica, objetiva um despertar existencial, é o diagnóstico da doença. *Os lírios do campo e as aves do céu* é assinada pelo próprio Kierkegaard, é um discurso edificante, onde demonstra-se uma reflexão, ensinamento, a cura da doença. Primeiro Kierkegaard diagnostica, em seguida, aponta a cura.

Tem-se que compreender que o homem é síntese e que a discordância dessa síntese faz com que a possibilidade de desespero seja efetivada. O desespero é uma possibilidade presente no espírito, entretanto, o indivíduo não nasceu para desesperar-se e sim para ser autenticamente o eu que lhe é dado. Na efetivação do si-mesmo, diante do Poder criador, sua falha culminaria no pecado. Peca-se quando, diante de Deus ou com a ideia de Deus, desesperadamente, não se quer ser si-mesmo ou se quer ser o si-mesmo de sua própria invenção. A doença mortal seria o pecado e seu contrário não é a virtude, mas sim a fé, visto que é possível viver de acordo com os preceitos éticos e mesmo assim se desesperar. Um indivíduo moralmente correto,

um *exemplar perfeito* da moralidade não necessariamente é um *Indivíduo Singular* que exprime em sua existência a fé crística. A consciência de possuir um si-mesmo e que esse si-mesmo se relaciona com o Poder que o pôs faz com que o homem se edifique e, com isso, “[...] a fórmula que descreve a situação do eu uma vez que permanece exterminado por completo o desespero é a seguinte: que ao autorrelacionar-se e querer ser si mesmo, o eu se apoie de uma maneira lúcida no Poder que o tem criado” (KIERKEGAARD, 2008, p. 34, tradução nossa). Transparência e lucidez são necessárias para que o eu, ao ter consciência de si-mesmo, relacione-se com Deus. A interiorização, sintetização ou singularização é a apropriação ou efetivação do fundamento, quer dizer, do Poder que o constituiu.

Essa relação anteriormente descrita pode ser ilustrada na seguinte imagem: é como imaginar um indivíduo com os pés dentro de um lago de águas claras, tão transparentes que, em repouso e equilíbrio, enxerga-se os detalhes ao redor dos pés submersos, entretanto, na agitação, toda a areia sobe e, com a turbulência as águas tornam-se turvas e o homem é incapaz de enxergar seu próprio pé. O pé está lá e pertence ao homem, mas não há clareza para vê-lo. Da mesma forma acontece com o si-mesmo: na existência se mostram diversas possibilidades para que o homem se edifique ou não, mas na agitação cotidiana, a medida em que surgem turbulências, no perder-se entre a necessidade e a possibilidade, na infinitude e na finitude, o indivíduo perde também a clareza sobre si próprio, a consciência sobre o eu que possui. O eu está nele e o pertence, mas, ao não ter consciência de si-mesmo, perde-se e perde também a transparência necessária para se enxergar diante do Poder criador. Somente por suas forças o homem não consegue efetivar seu eu, e é no voltar-se para Deus que adquire o equilíbrio e repouso necessários. Para isso, analisa-se o que diz *Os lírios do campo e as aves do céu* afim de perceber e aprender o que significa ser homem, na oração inicial:

Pai celestial! Que aprendamos o que é tão difícil de apreender em meio à sociedade humana, especialmente em seu tumulto; aquilo que, se alhures aprendemos, tão facilmente esquecemos em meio à sociedade humana, especialmente em seu tumulto; o que significa ser homem, e aprendamos que isso piedosamente é demandado. Que o aprendamos, e caso tenhamos esquecido, tornemos a aprender do lírio e do pássaro! Que o aprendamos, senão de uma vez e cabalmente, ao menos em parte e pouco a pouco! Que aprendamos agora do lírio e do pássaro: silêncio, obediência e alegria! (KIERKEGAARD, 2006, p. 8)

Ser si-mesmo é uma tarefa que o homem tem a responsabilidade de fazer. O tumulto, a agitação, faz com que o indivíduo se preocupe demasiadamente com tudo que lhe rodeia e esqueça-se, ou nem ao menos se preocupa com o que o faz ser um Indivíduo Singular. O desespero toma suas proporções conforme o homem passa a dar mais importância às coisas temporais, perde-se em meio à multidão.

O eu é instante. O espírito é instante. Tudo é atual no espírito. A síntese é composta por elementos polares, como eternidade e temporalidade, por exemplo. O eu existe na junção desses elementos, nem é apenas um nem somente o outro. A síntese entre o eterno e o temporal dá origem ao instante. O momento exato para concretizar a possibilidade própria. Na agitação, o homem está sempre pre-ocupado com o que aconteceu ou com o que há de acontecer, se prende a dois momentos: passado e futuro, sua pre-ocupação não é com o agora, com o seu agora, é com o que foi ou está por vir. Sua incapacidade de captar o instante se deve a ou tender para a temporalidade ou para a eternidade.

[...] raro é achar um homem que compreenda devidamente a presença do instante e, em consequência, aproveite-o devidamente [...] o instante vem suavemente, mais ligeiro que a criança mais impetuosa, e com ágil passo do repentino, às escondidas. Então é preciso calar completamente para captar esse “aqui agora mesmo”; pois no momento seguinte já terá passado, e é preciso calar completamente para aproveitá-lo (KIERKEGAARD, 2006, p. 21).

O eu se faz aqui e agora, em todo e qualquer momento, não apenas nas grandes escolhas, mas em todas as escolhas. No si-mesmo, tudo é atual precisamente por sua síntese está em harmonia. Os lírios e os pássaros vivem no instante e ensinam a ser si-mesmo, a forma que o homem deve traçar para edificar-se. Devem a Deus silêncio, um calar que os transforma em ouvintes, pois “[...] só calando acha-se o instante; enquanto se fala, basta uma só palavra para pôr de lado o instante; pois só no silêncio ele está” (KIERKEGAARD, 2006, p. 21). Dão a Deus obediência, absoluta obediência, escolhem amar a Deus e servir somente a ele em absoluto e em qualquer adversidade, a saber que “Somente a obediência absoluta pode encontrar com absoluta exatidão o *instante*; somente a obediência absoluta é capaz de aproveitar o instante, absolutamente imperturbada pelo momento seguinte”

(KIERKEGAARD, 2006, p. 39). Não precisam de elementos exteriores para alegrar-se, pois são a própria alegria, a alegria não está nas coisas, está neles.

Deve-se buscar voltar às coisas mesmas, em correspondência: “[...] debes buscar *primeiro* o Reino de Deus” (KIERKEGAARD, 2006, p. 15), afirmação que dá ao homem abertura, é como fazê-lo pensar que primeiro se busca o Reino de Deus e, em seguida, se pode buscar o que lhe for necessário e, por assim dizer, ao conhecer o Reino de Deus, o homem não sente necessidade de procurar outras coisas, pois já lhe basta o que tem. Ao lírio e ao pássaro remete-se as qualidades autênticas e necessárias para encontrar o princípio: o silêncio, a obediência e a alegria. De início, para aprender algo é necessário saber escutar. Aquele que muito fala, pouco se dedica a ouvir. Falar é uma grande vantagem do homem, mas saber calar é o princípio da graça. O silêncio é começo do temor a Deus e o temor a Deus é sabedoria

O que esse silêncio expressa? Expressa respeito por Deus, que é ele quem decide, que só ele é a sabedoria e a inteligência. E porque este silêncio é respeito do Deus (e a medida em que, na natureza pode ser adoração), por isso é um silêncio tão solene. E por que é tão solene, capta-se a Deus na natureza. Como seria diferente, se tudo está calado por respeito a ele? Ainda que Deus não fale, esse calar, que o respeita, redundando no efeito de que nos está falando (KIERKEGAARD, 2006, p. 24).

O temor e o tremor emudecem a linguagem. Ao homem não é nada fácil calar, mais difícil ainda é ser ouvinte. O eco de sua própria voz se funde ao da multidão e, para ouvir Deus, é preciso silêncio, silenciar as vontades, as vaidades, “[...] tens que fazer-te nada, no mais profundo sentido da palavra, tornar-te nada diante de Deus, aprender a calar; neste sentido está o começo que reside em buscar *primeiramente* o Reino de Deus” (KIERKEGAARD, 2006, p. 15, grifo do autor). Estar nu, no sentido de conectar-se com tamanha profundidade que não há prazeres temporais, honras ou nome, onde a própria voz do indivíduo se cala e nele ressoa o Poder que o criou, por assim viver:

O pássaro cala e aguarda. Sabe, ou melhor, sem titubear, crê que todas as coisas ocorrem em seu devido tempo, e por isso está aguardando; sabe que não lhe cabe ter notícia do dia e da hora, e por isso se cala [...] seu silêncio está dizendo que *crê* assim, e porque crê, cala-se e espera. E quando chega o *instante*, o pássaro silencioso compreende que é o instante; aproveita-o sem que jamais haja sido

defraudado. E o mesmo sucede com o lírio, que se cala e aguarda (KIERKEGAARD, 2006, p. 20, grifos do autor).

O silêncio é a confiança que se tem em Deus, é confiar que o eu por ele dado é o melhor que se poderia ter. É aproveitar o instante que se aproxima e sê-lo independente das circunstâncias, é calar e esperar. Os lírios e os pássaros não perguntam quando o tempo para eles será favorável, visto que compreendem que seu tempo não é o mesmo que o tempo de Deus. O silêncio transforma-se numa ferramenta capaz de fazer a junção correta entre a temporalidade e a eternidade, onde a vontade de Deus coincide com a sua vontade.

Da mesma forma que o homem é atingido por sofrimentos, também o são o lírio e o pássaro, entretanto, estes calam e sofrem. Os homens gritam seu sofrimento e a capacidade de falar faz com que pensem ser maior do que qualquer outro. O lírio, enquanto mestre, em seu magistério ensina, silenciando enquanto murcha: “Para o lírio sofrer é sofrer, sem mais nem menos” (KIERKEGAARD, 2006, p. 23). O sofrimento reduz-se a si mesmo e o mais alto grau de sofrimento é também o menor e este é comprimido tanto quanto pode. A medida em que se sabe calar, aprende-se a ser si-mesmo, da mesma forma acontece com o pássaro:

O pássaro não está isento de sofrimentos; porém o pássaro silencioso se livra do que os faz ainda mais pesados: a incompreensiva compaixão dos demais; livra-se daquilo que prolonga o sofrimento: o muito falar dele; daquilo que converte em algo pior que ele mesmo: o pecado da impaciência e da melancolia (KIERKEGAARD, 2006, p. 22).

A potência do sofrimento é dada por aquele que sofre. O ensinamento dado pelo lírio e o pássaro, enquanto mestres, faz com que o calar silencie também o sofrimento. Raros são os homens que sabem calar tanto quanto os que sabem aguardar. No desenrolar da cotidianidade os indivíduos estão cada vez mais apressados em seu próprio tempo, falam, falam, mas pouco dizem, nada ouvem. Perdem-se por não encontrarem o ponto de repouso e apoiarem-se em sua própria temporalidade. Já o lírio e o pássaro sabem aguardar, silenciar e até mesmo sofrer, por conseguinte, “[...] se tens aprendido a calar, não terás dificuldade em aprender a obedecer” (KIERKEGAARD, 2006, p. 39), eis que a obediência é o segundo ensinamento.

Compreende-se através dos lírios e dos pássaros que não há um ponto médio no que diz respeito a Deus, ou lhe é em absoluto obediente ou não. Ser em absoluto para Deus é, independente do que lhe tenha em opção, escolher a Deus por inteiro. Nessa perspectiva, só há dois caminhos: ou amá-lo ou odiá-lo, ao afastar-se de uma dessas vias, segue-se a outra. Toda desobediência é em absoluto. É como uma corrente que, ao quebrar um dos elos, se rompe o todo. “Nem na cabeça nem na vontade do lírio e do pássaro jamais caberá que uma pequena desobediência não tenha que ser absoluta” (KIERKEDAARD, 2006, p. 41), a estes não cabem a mediania, diferente do homem. Os lírios e os pássaros só compreendem por meio do absoluto, são mestres para os homens. Sua obediência é demonstrada sob a perspectiva de que tudo, absolutamente tudo o que acontece é fruto da vontade de Deus e, ao invés de contrariar, confia-se.

Obedecer é cumprir, edificar-se, independente do contexto ao qual se esteja inserido. Um lírio desabrochará belo em qualquer lugar. Sua obediência é tão profunda que silencia o que lhe rodeia e é o que nasceu para ser, acredita que tudo provém da vontade de Deus e, por obediência, segue-a sem questionamentos. A obediência faz surgir o instante; ela abraça o instante. Independente dos fatores externos, deve-se aprender com o lírio e o pássaro que mesmo em turbulências, fazem a vontade de Deus, mesmo que por um curto tempo, é-se si-mesmo:

E ainda que ao lírio fora desfavorável desabrochar, e se pudesse prever que nesse momento ficaria mutilado, que sua aparição coincidiria com seu desaparecimento, como se só houvesse brotado e sido formoso para sucumbir; o obediente lírio se conformaria obediente e desabrocharia, sabendo que era vontade de Deus (KIERKEGAARD, 2008, p. 43-44).

Deve-se aprender com o lírio a não ter por medida a si mesmo, mas sim a Deus e revelar-se espírito diante da vontade de Deus. O homem em circunstâncias que julga desfavoráveis desespera, ao desesperar das coisas, desespera antes de si-mesmo. Seu eu se condiciona a fatores externos, às coisas. Não enfrenta ou desafia, quer fazer-se sozinho. Sua desobediência é notada ao não querer ser si-mesmo ou querer ser o si-mesmo de sua invenção, o que consiste em suma a não aceitar e querer desfazer-se do eu dado pelo Poder: “[...] todo pecado é desobediência e toda desobediência é pecado” (KIERKEGAARD, 2006, p. 55). Em absoluto é pecado, pois o si-mesmo deve ser em absoluto si-mesmo e diante de Deus.

São mestres, professores – o lírio e o pássaro – demonstram sua excelência a medida em que sua vivência comprova o que são. A verdadeira autenticidade é aquela que tem por finalidade a si mesma. Mesmo em meio a ambientes que, para os homens, são considerados inapropriados, o lírio silencia seu entorno e obedece ao seu ser si-mesmo e efetivamente é, pois é esta a vontade de Deus. É com alegria que se edifica, pois, sua alegria, antes de aparecer diante das coisas, permanece e funda-se no seu próprio eu. É alegre, portanto, é si-mesmo, com isso, se relaciona com seu Criador:

Seu ensinamento na alegria (expresso em sua vida) é o seguinte: junto a eles [o pássaro ou o lírio?] *há um hoje*; sim temos que acentuar infinitamente esse *há*: ali há um hoje, mas não há qualquer, absolutamente nenhuma preocupação pelo dia de amanhã, ou por outro dia. Tanto não é superficial da parte do lírio e do pássaro, mas a alegria do silêncio e da obediência. Pois quando estás calado no silêncio solene que reina na natureza, então não existe dia de amanhã, o desditado dia que inventaram a charlatanice e a desobediência. Mas quando o dia de amanhã deixa de existir em razão do silêncio e da obediência, então na obediência e no silêncio o dia de hoje é, ele é, e assim há alegria, como a do lírio e a do pássaro (KIERKEGAARD, 2006, p. 60, grifo do autor)

Na existência, todo momento é o único e último momento, deve-se com o lírio e o pássaro aprender a viver sempre o hoje como se não houvesse um amanhã, viver o hoje com silêncio e obediência, entregando todos os cuidados a Deus e aguardando que seja feita a Tua vontade. Quando tu vives o hoje, o instante, e ao esforçar-te o suficiente, visto que o suficiente é sempre o necessário e o necessário é aquilo que deve-se ser diante de Deus, mesmo que se morra na mesma hora, ou se viva por muitos anos mais, o instante, e fazer-se a todo instante, faz com que o homem se conecte com o Poder Criador e, então, ao ser si-mesmo, tu afastarás de ti, continuamente, o desespero. O homem não nasceu para o desespero, para a enfermidade, mas veio à existência para a alegria:

Se permaneces em Deus, quer vivas ou morras; e se vives, quer as coisas te saiam bem ou torcidas; e se morres nesta data ou ao completares setenta anos; quer encontres a morte em um naufrágio, ali onde o mar é mais profundo, ou que sejas feito em pedaços pelo ar: todavia não saís de Deus, *permaneces*, e nele segues presente a ti mesmo, e por isso no dia da tua morte, hoje mesmo, estarás no Paraíso (KIERKEGAARD, 2006, p. 70, grifo do autor).

Todos os ensinamentos passados através do lírio e do pássaro pressupõem a maneira como o indivíduo deve agir para tornar-se si-mesmo em absoluto com o Absoluto e, a partir disso, nota-se a relação com o desespero e o pecado à medida em que o homem desobedece seu Criador e quer desfazer-se de seu eu ou ser o eu de sua própria invenção. Por mais que sejam de naturezas diferentes e, mesmo que o lírio e o pássaro não possuam um si-mesmo, a todo momento remete-se que é possível ser como o lírio e o pássaro, ter um eu presente/atual, de todas as maneiras já o é presente/dádiva, pois é dado por outro. Entretanto, atrelado a isso, há um eu que se perde na mundanidade e, para este, todas as analogias até então feitas são exageradas e demasiadamente difíceis de se cumprir.

Raros são os homens que reconhecem sua pequenez diante do Poder que o fundou, porém “[...] a seriedade cabalmente consiste em que lá fora, junto ao lírio e ao pássaro, reconheças que estás diante de Deus, o que frequentemente é de todo esquecido no diálogo entre os homens” (KIERKEGAARD, 2006, p. 25). É necessário esforço para edificar-se. É preciso silêncio, obediência e alegria. E, como afirma Kierkegaard (2008), para sair do desespero é necessário morrer para todas as coisas terrenas, viver em sua própria atualidade e no instante que lhe é próprio. Deve-se buscar existir plenamente e autenticamente em todas as possibilidades, a cada momento de vida, pois o Paraíso sempre esperado começa no agora.

A maioria dos homens tem por medida de seu eu o eu para o mundo, entretanto, só se conhece a si-mesmo mediante o movimento de enxergar sua própria interioridade, seu fundamento primeiro, é calar e ouvir a Deus. Cabalmente, Deus está em todas as coisa, porém, ao homem é dada a possibilidade e racionalidade, o que proporciona o dever de edificar-se, ser si-mesmo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho buscou-se compreender com Søren Aabye Kierkegaard questões relacionadas ao si-mesmo e ao fenômeno do desespero. Foi produzida uma linha de raciocínio que perpassa desde o método de comunicação indireta, permeando a pseudonímia, afim de adentrar nas questões relacionadas ao si-mesmo, ao desespero e a fé, enquanto um caminho para ser si-mesmo.

Verificou-se que o eu é composto e derivado, uma síntese que só se efetiva através de uma relação que se relaciona consigo mesma amparada pelo Poder que a pôs, o homem não consegue somente por suas próprias forças alcançar o repouso e equilíbrio necessários para edificar-se. Um si-mesmo só o é a medida em que o é enquanto síntese, com isso, compreende-se que são raros os homens que continuamente edificam-se, que se edificam em todas as escolhas.

Observou-se a importância da comunicação indireta, quer dizer, o método cuja finalidade é dar ao leitor uma proximidade com o autor e ao autor uma exteriorização com a obra a qual se está sendo construída. Em consonância ao método, com a pseudonímia, o intuito é atingir existencialmente os diversos leitores que se situam existencialmente em um modo de existência possível – existência estética, ética e religiosa. Por conseguinte, foi percebido que as obras pseudonímicas possuem uma limitação, ocupam-se de mostrar o diagnóstico da doença, mas não a cura.

Foi constatado também que o homem não é um dualismo corpo e alma, é uma síntese que se relaciona consigo mesma posta por Outro. Uma síntese é constituída de elementos polares, necessidade e possibilidade, finitude e infinitude. O eu não é nem um extremo nem outro, mas sim a junção de ambos. Por ser síntese, existe a possibilidade de falha, de fracasso existencial do homem. Tender para uma de suas extremidades é falhar, fracassar existencialmente, perder o instante provocando um desacordo, uma desarmonia da síntese, e, então, o fenômeno sombrio do desespero se afigura. Só pode desesperar quem possui um eu, entretanto, desesperar-se é a maior miséria espiritual é não ser autêntico, não estar em correspondência com o fundamento que fundamenta o si-mesmo. Ser si-mesmo é um grande privilégio e um grande dever, a dificuldade está em manter em todas as escolhas a autenticidade e, em meio as dificuldades da existência, não oscilar entre as polaridades da síntese. Quando a síntese falha, falha por carência ou supremacia de uma das polaridades nela existentes.

Diante de toda discussão proposta, conclui-se que apesar de nem todos terem consciência sobre seu estado de desespero, não há nem um homem sequer que não tenha sido acometido por uma inquietude ou uma perturbação desarmônica e é ao voltar para si-mesmo que o indivíduo (*Den Einzelte*) se relaciona com seu criador. Assim como os lírios e os pássaros, a natureza ensina ao homem a ser si-mesmo. É através do silêncio, obediência e alegria que o homem consegue o equilíbrio e repouso necessários para acolher sua possibilidade mais própria.

REFERÊNCIAS:

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **As obras do Amor**. Apresentação e Tradução de Álvaro L. M. Valls. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis - RJ: Vozes, 2005.

_____. **La enfermedad mortal**. Prólogo y Traducción del danés de Demetrio Gutiérrez Rivero, Nota preliminar de Óscar Parcero Oubiña. Madrid: Editorial, 2008.

_____. **Os Lírios do Campo e as Aves do Céu**: Três discursos piedosos. Tradução e Publicação de Henri N. Levinspuhl, Rio de Janeiro: Edição do autor, 2006.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002.

_____. **Pós-escrito às migalhas filosóficas**. Vol. II. Tradução de Álvaro Valls e Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

SILVA, Marcos Érico de Araújo. **A superação da metafísica na filosofia de Kierkegaard e Heidegger**: as tonalidades afetivas (Stemninger, Stimmungen) como arché da filosofia. São Paulo: LiberArs, 2018.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação da Liberdade, 2003.

PROTASIO, Myriam Moreira. **Por uma ciência existencial em Kierkegaard**. In: Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard da SOBRESKI, 14., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** UFRJ/UERJ/IFEN, 2015. p.251-262.

ROOS, Jonas. Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o Desespero. **La Mirada Kierkegardiana**. Nº 1. p. 68-78. *IV Jornadas Kierkegaard*. Buenos Aires, de 24 a 25 de outubro de 2008.

TEIXEIRA, Natália Mendes. Uma leitura da dimensão triádica do *self* em Kierkegaard. **Revista Húmus**, v. 7, n. 19, p. 58-69, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6988>> Acesso em: 13 de março de 2020.